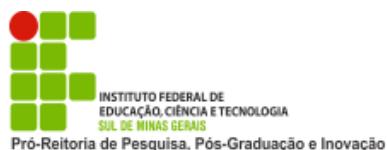


The image features a central illustration of a hand holding a bunch of green coffee cherries. The hand is rendered in a stylized, orange-brown color with a textured, painterly appearance. The cherries are bright green and detailed with highlights and shadows. The background is a dark, textured field of coffee beans, with a lighter, semi-transparent area on the right side where the text is located.

DÉS pelas MÃOS

Um retrato da migração cafeeira



Ministério da
Educação



PÉS PELAS MÃOS

UM RETRATO DA MIGRAÇÃO CAFEIEIRA

TATIANA DE CARVALHO DUARTE

ORIENTAÇÃO: SHEILA MARIA DOULA
CO-ORIENTAÇÃO: ERNANE CORREA RABELO

DEDICATÓRIA

A DEUS E AS PESSOAS RESPONSÁVEIS, NÃO SÓ POR ESSE LIVRO
MAS, PELOS MOMENTOS DE RISADA E CONFORTO DURANTE
TODO SEU PROCESSO DE PRODUÇÃO.

AOS MEUS PAIS, MARIA ALICE E PEDRO. RAZÕES DA MINHA
VIDA.

Pés cansados, com forças e desejos

Às costas os sonhos, pesada bagagem

*Da terra antiga, lembranças, um punhado
no bolso e um cheiro saudoso...*

Lentamente se apresenta o horizonte

E nos ilude, obseda, desafia intransponível

E a cada passo, uma certeza quase incerta

Que alguns chamam esperança,

Outros, a dizem sonho

Mas os que possuem,

A sabem fé.

Felipe Xavier



ENTREVISTADOS

Adriano Muniz
Antônio de Fátima Pires da Silva
Bernadete Carvalho de Paula
Carmelita Dias dos Santos
Claudemir Vieira de Melo
Denilce Ferreira Rondinelli
Divaldo Desidério dos Santos
Douglas Bueno da Silva
Eduardo Lima de Souza
Elenilda Amâncio
Irani Gil Guimarães
Jerônimo Giachetta
Leandro Oliveira dos Santos
Marcelo Desidério da Silva
Marina Dias da Silva
Reginaldo José da Silva
Renato de Souza
Renato Lima de Souza
Rosilaine Aparecida dos Santos
Rute Pinheiro Alexandre
Valdeci Bragança

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia:** olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, EDUC, 2002.

BECKER, O. M. S. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologias, Contextos. In: CASTRO, I. E. de; COSTA GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (Org). **Explorações Geográficas:** Percursos no Fim de Século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LÉVY, Pierre. Os três tempos do espírito. In: **As Tecnologias da Inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993 .

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo Brasileiro** – Realidade e Linguagem. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

MEIHY, José Carlos (org.). **Manual de História Oral:** (Re)introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

VILELA, Rudi. **Entre Floradas:** Um livro-reportagem sobre a cultura do café. Cabo Verde: Edição independente, 2008.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	08
APRESENTAÇÃO	10
MORDIDA	12
INTRODUÇÃO	15
ALIMENTAÇÃO	27
HINO DE CABO VERDE	34
COSTUMES	37
A LAVOURA E A CIDADE	42
90 DIAS DE LUTA	52
SUPERAÇÃO E ADAPTAÇÃO	54
RELIGIOSIDADE	57
LAZER E CONSCIENTIZAÇÃO	58
O FIM E O RECOMEÇO	61
CAMINHOS GERAIS	62

PREFÁCIO

O primeiro registro comprovado que se tem sobre o café data do século XV. Desde os primórdios, o café encontrou muitos apreciadores, mas também ferrenhos opositores, provocando diversas contradições em vários momentos da história. Ora sendo exaltado pelo sabor e as propriedades tonificantes do produto, ora sendo questionado pela ciência por estimular o sistema nervoso e provocar uma irritabilidade nos consumidores, transformando o café em verdadeiro inimigo da saúde pública mundial. Por razões óbvias, os produtores procuram divulgar estudos que enaltecem o fruto, e minimizam seus pontos negativos.

O que na realidade importa para um simples mortal e apaixonado por uma boa xícara de café é que, além de ser prazerosa, essa bebida tem uma função socializante, sendo responsável por diversos encontros pessoais, sociais e de negócios nos quatro cantos do planeta. Portanto, fica impossível para um leigo distinguir quem tem razão nessa queda de braço científica e muitas vezes comercial.

Existem várias versões cunhadas sobre o surgimento do fruto: uma delas nos remete à descoberta casual, por pastores de cabras, que perceberam que os animais tornavam-se mais ativos e resistentes ao comerem aquele pequeno fruto que mais parecia com uma cereja. Mesmo sua origem tem questionamentos lendários, dando margem a mitos criados em torno de sua aparição. Para alguns o café é uma planta nativa da Etiópia, país do leste da África – antiga Absínia, para outros essa bebida saborosa e aromática, com propriedades tonificantes, já era conhecida há mil anos no Oriente Médio, especialmente na região de Kafa, daí, certamente, o nome “Café”.

Somente uma bebida especial poderia ter tantas versões criativas para sua origem, desde o nome do primeiro pastor que

teria descoberto o fruto “Kaldi” que utilizava aquelas cerejas de café na preparação de um tonificante que era consumido com manteiga, até os Árabes, primeiros cultivadores do café – daí *Coffea arabica* (nome científico de uma das mais importantes espécies de café), que também teriam sido os primeiros a utilizar o produto como bebida e não pasta comestível.

Com a popularização do café pelos árabes, não demorou para o produto cruzar fronteiras e chegar a Europa levado por navegantes holandeses, alemães e italianos, chegando até a ser proibido pela igreja, por tratar o produto como bebida demoníaca. Mas, felizmente, para todos os católicos viciados na boa bebida, o Papa Aurélio, apreciador do produto, resolveu liberá-la para os fieis.

O café chega ao continente sul-americano trazido pelos holandeses e franceses para cultivo nas colônias. Dessa maneira não demorou em o produto ser contrabandeado para o Brasil, que aproveitou o clima propício para o cultivo nas regiões sudeste e sul do País.

O café hoje é uma marca extremamente enraizada na cultura brasileira, e muitas vezes se confunde com os símbolos mais patrióticos desse País, como o futebol, samba, feijoada e a caipirinha, tão adorada pelos estrangeiros. Portanto, todos os trabalhos realizados no sentido de promover e ajudar a esclarecer as dúvidas referentes a esses símbolos, são muito bem recebidas por todos. E a Tatiana de-

monstrou muita sensibilidade em escolher o café como tema para a produção de um livro foto-reportagem como seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, e, muita coragem na escolha de um símbolo tão importante para a cultura brasileira e responsável pelo crescimento de muitas cidades do Brasil. Sendo um dos principais produtos responsáveis pela geração de emprego e renda para o País.

As imagens capturadas nesse livro nos levam a conhecer e entender um pouco desse produto, sua origem, sua importância e as dificuldades que as pessoas envolvidas no cultivo e na comercialização do café representam para história dessa nação.

Só se conhece um País, quando se conhece seu povo, com suas mãos calejadas pelo trabalho da colheita, suas origens (quantos desses trabalhadores não abandonam suas cidades de origem para deslocarem-se a regiões produtoras para ajudar na colheita) e seus símbolos, aqui um deles, representado pelo café.

Acredito que esse belo trabalho nos ajuda a resgatar a história e a memória do Brasil.

Erivam Morais de Oliveira

APRESENTAÇÃO

O livro “Pés pelas Mãos” é uma produção feita como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Buscamos, por meio de imagens, demonstrar o dia a dia de norte mineiros e paraenses durante o período de migração para a cidade de Cabo Verde, sul de Minas Gerais. Anualmente, a cultura do café leva à cidade um grande contingente de trabalhadores para a colheita cafeeira e, essas pessoas se relacionam com os nativos provocando uma troca de cultura, hábitos, memórias, aspirações e visões de mundo.

Com a migração, a convivência imediata de culturas diferentes deflagra um novo processo social de intercâmbios, adoções e rejeições. A junção de diversos grupos populacionais em cidades chave, geralmente fortes pólos econômicos de determinados setores, é causada pela ida de trabalhadores em busca de maiores oportunidades para sua força de trabalho. Tais pessoas, acompanhadas de sua bagagem cultural acabam por disseminá-la a outros povos, assim como, aderem a novos hábitos, mesmo que sazonalmente.

Essa mobilidade populacional, segundo Becker (1997), desempenhou funções diversas em diferentes modos de produção. Nas sociedades primitivas, a mobilidade representava uma forma de sobrevivência para as populações itinerantes que precisavam se deslocar para encontrar alimentos e terras férteis para suas culturas comunitárias. Já na sociedade capitalista, a mobilidade representa um meio para a reprodução do capital, uma vez que uma força de trabalho “livre” e “móvel” torna-se essencial para o processo de acumulação.

Cabo Verde localiza-se na micro-região da baixa Mogiana mineira, com uma população estimada de 18 mil habitantes, sendo que cerca de três mil são migrantes sazonais que residem na cidade na época da colheita de café (que emprega direta e indiretamente cerca de oito mil e é responsável por mais de 75% da renda do município).

Apesar de corresponder relativamente a um período curto (de 2 a 4 meses) a migração destes trabalhadores exerce grande influência na dinâmica social e cultural da cidade. O registro dos fragmentos diários do convívio entre as diferentes culturas torna possível a documentação da memória coletiva através de fragmentos das memórias individuais. Nesse sentido, o acervo de retalhos das memórias assemelha-se a um acervo fotográfico.

É nessa perspectiva que se pode encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia, a fotografia como representação social e memória do fragmentário, que é o modo próprio de ser da sociedade contemporânea. Mesmo que tenha tido uma origem difusa e funções inespecíficas, a fotografia vai se definindo, no contemporâneo, como suporte da necessidade de vínculos entre os momentos desconectados do todo impossível, como documento da tensão entre ocultação e revelação, tão característica da cotidianidade. (MARTINS, 2008)

Este trabalho busca, através de entrevistas e fotografias, demonstrar que um livro foto-reportagem pode ser mediador das representações em torno das identidades culturais e servir como registro documental para futuras pesquisas produzidas nos incessantes deslocamentos migratórios do povo brasileiro.

MORDIDA

*O café tem seu tempo.
Tempo da poda,
tempo do adubo,
da florada,
dos frutos,
tempo de maturar e colher.*

*Essa é a mordida
O tempo de produzir pra criar o tempo.*

*Tempo de torrar,
moer, coar e beber o café.*

A mordida nada mais é do que o tempo.

*Mordida da Senhora que lentamente coa o café,
da visita que chega de repente e demora a ir embora,
dos filhos com pressa de crescer
e dos idosos adiando o envelhecer.*

*Tudo sempre passando.
Mas cada coisa no seu tempo.*

T. C. Duarte





INTRODUÇÃO

“Olha a foto! Vamos aparecer na Globo!” Ressonavam vozes por todos os lados do cafezal. Gritos de alegria ecoavam por entre os pés de café encobrendo o silêncio e a timidez de quem se esquivava dos cliques. Olhares se direcionavam para a criatura estranha que se movimentava por entre o verde das folhas e o íngreme morro da plantação. Eram olhares confusos, de quem estava acostumado com uma paisagem pacata que agora se agitava.

Havia quem enfrentava o medo, ou quem se escondia dele, porém todos estavam no mínimo curiosos. E através de uma voz que esbanjava confiança souberam enfim do que se tratava aquela movimentação estranha. O som da fala do dono da fazenda ecoou por toda dimensão da lavoura explicando aos seus funcionários que a pessoa estranha, nada mais era do que uma menina que se aventurava subindo e descendo os morros da cidade em busca de imagens. Imagens mentais, materializadas pela fala e imagens visuais, capturadas e per-

petuadas pela câmera fotográfica.

15 de julho de 2009. Cheguei em Cabo Verde, sul de Minas Gerais, determinada a contar cada detalhe dos sacrificados dias do povo que mudava de suas cidades (geralmente do Paraná e do norte de Minas) para uma pequena cidade de aproximadamente quinze mil habitantes, em busca de oportunidades melhores.

A colheita de café, conhecida regionalmente como “panha”, é marcada pela chegada de migrantes de várias regiões do país. São paranaenses, norte mineiros, alagoanos, pessoas altas, magras, fracas, fortes, sentimentais, saudosistas. São homens e mulheres, personagens de uma história que reúne mocinhos, vilões, ricos, pobres, acompanhados, solitários, solteiros, casados, divorciados, pessoas atraentes, outras nem tanto, determinadas, confiantes ou receosas. É no emaranhado do dia a dia desses atores sociais que é construída uma realidade sazonal na cidade de Cabo Verde, sul de Minas Gerais.

Todo morador de Cabo Verde já ouviu a máxima sobre a situação da cidade: “Está chegando a panha de café”. Essa frase pode sinalizar várias mudanças: econômicas, políticas, na área da saúde, na área criminal, novas amizades, novos amores, finais de casamentos, namoros no meio do cafezal, etc.

Com a chegada do inverno, surgem em diversas cidades do país os chamados “gatos”, em busca de seus “filhotes”. Os responsáveis pela seleção recrutam os trabalhadores que estiverem dispostos a trocar sua cidade por alguns meses de trabalho nos cafezais. E assim homens são separados de suas esposas, pais de seus filhos, alguns filhos de suas mães. São deixados para trás amigos, namoradas, escolas, times de futebol, tudo pela busca de um futuro diferente, com esperança de que seja melhor.

Mas essa situação não é uma realidade singular. Muitas vezes algumas fazendas optam por trazer famílias para a colheita e assim diminuir esse sentimento de saudade, de perda e de ruptura.

Assim, ainda que restem lembranças, amigos e diversas coisas deixadas para trás, estas podem esperar o seu retorno, mesmo que ele não seja mais o mesmo.

Da década de 80, quando a maioria da mão de obra migrante vinha do Paraná, só nos restam vestígios. Dentre os seis mil migrantes, de anos de grande colheita, ou os três a quatro mil, de anos de colheita fraca, a grande maioria hoje é do norte de Minas. A diversidade de regiões influentes no processo também aumentou contando com pessoas até mesmo de Alagoas. Mas a transição realmente marcante foi a da mão de obra paranaense para a predominância da norte mineira.

Assim, o inverno traz o gato, o gato os migrantes. A chegada nas fazendas é coroada com um ambiente acolhedor que contrasta com a temperatura fria da região. Gotas de sereno, resultado da geada na noite anterior demonstram as baixas temperaturas que assustam os moradores de regiões onde o calor impera.





Nessa hora se torna possível notar, no olhar de cada criança, no suor de cada trabalhador, no cansaço de cada esposa, que a vida traz desafios cada vez maiores para cada um deles. Contudo ao observarmos mais atentamente, poderemos notar que atrás de cada cicatriz existe um aprendizado e uma injeção de força nas veias que percorrem seus corpos.

Casinhas todas iguais abrigam as famílias que, de tão longe vieram, puderam trazer apenas o essencial. Porém não se ouvem reclamações. A não ser quando se toca o nível do insuportável. Quem está ali, entre as casas siamesas está para conquistar uma vida melhor. E a determinação presente na mente e no coração de cada um deles apenas demonstra que eles seriam capazes de muita coisa para sua família e para quem está perto deles.

A escolha da vida diária do migrante como fonte de pesquisa se deu devida a infinidade de diferenças culturais entre eles e o moradores da cidade de Cabo

Verde. E é nessa diferença que encontramos uma nova identidade, essa formada pelos costumes de caboverdenses, norte-mineiros, paranaenses, alagoanos e outros mais, entrelaçados em uma só narrativa, a da colheita do café.

A rapsódia cultural existente no país é notável até mesmo na amostragem de apenas um estado. Minas Gerais demonstra sua imensidão na evidência do contraste entre o norte e o sul. O palavreado, a alimentação, a música, as formas de lazer, dentre outras características, são paradoxos que ressaltam a forma como cada região construiu cultura, de acordo com seu contexto histórico, geográfico e social.

Essas diferenças ultrapassam o limite do físico e das aparências e, embora forneçam as impressões digitais de cada cultura, notam-se também os traços de similaridade que configuram a feição humana que fornece o substrato para as diferentes culturas.



A globalização do mundo incita as relações entre as mais diferentes culturas, propiciando uma nova identidade baseada na bricolagem. Porém, não é fácil registrar essa derivação quando seu resultado é tão heterogêneo. Assim, faz-se necessária a utilização de diversos meios que, juntos, possibilitem uma maior e mais profunda análise e interpretação de cada detalhe.

A utilização da fotografia veio, portanto, a auxiliar quando a demonstração desses objetos, situações, rituais e hábitos necessitou de uma descrição mais detalhada.

Portanto, o registro visual documenta fatos e situações que são escolhidas pelo fotógrafo, o intuito é de preencher as lacunas das falas dos entrevistados e de assumir a subjetividade do pesquisador em relação à realidade cultural, social e paisagística pesquisada.

Cada imagem, cada olhar, cada reação ou cada simples emoção torna-se objeto válido nesse projeto, pois é a partir deles que se torna possível a transmissão do sentimento de cada migrante pelas lentes da câmera. Concordamos com Kossoy quando ele afirma que:



A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. (KOSSOY, 2001)





ALIMENTAÇÃO

As mãos ágeis trabalham correm contra o tempo. São aproximadamente seis horas da manhã e cada parte do que será um futuro almoço para várias pessoas, vai sendo composta. Nota-se como as mãos calejadas, que se movem rapidamente, contrastam com o sorriso no rosto de cada mulher presente naquela cozinha.

Batatas são descascadas, mandiocas também, feijões escolhidos, o arroz é lavado e durante uma conversa de cerca de meia hora, tudo já está no seu lugar aguardando o fogo para prepará-las.

Era uma cozinha ampla, que em meio ao frio do inverno sul mineiro, possuía seu próprio calor. Calor vindo da brasa do fogão de lenha, ou talvez, do calor humano exalado por aquelas mulheres. Não sei ao certo.

Panelas gigantes cobriam as bocas do fogão e eram aquecidas por um flamejar estalado da lenha, que soltava faíscas a medida em que a madeira virava brasa e cinzas. Ficar perto desse fogo era uma sensação ótima para mim

e para todas as outras pessoas que haviam acordado cedo e ido até a cozinha para o começo do dia.

E, em meio ao que posso descrever como uma conversa calma e pacata surgem as crianças. O ambiente se enche de carinhas com sono, aguardando ansiosamente o café da manhã. Não são muitas crianças, então logo essas expressões são substituídas por olhos atentos a pessoa diferente que estava lá. Eu. Tímidas, as crianças fugiram. Só as vi novamente quando saí em direção ao cafezal e as encontrei sujas dos pés a cabeça correndo atrás de uma bola.

Ainda na cozinha, enquanto conversávamos, não se ouvia nada além de nossas vozes e dos passarinhos. Um pequeno feixe de luz atravessava a janela e aos poucos caminhava em direção a uma panela pendurada na parede que reluzia de tão brilhante. Aos poucos a luz que era alimentada apenas por uma lâmpada simples e o fogo da lenha obteve ajuda do sol.





“Por lei temos que fornecer um subsídio para alimentação em torno de R\$ 120,00 por mês. Isso facilita a vida do trabalhador que não precisa levantar mais cedo para preparar seu almoço. São duas horas a mais de sono e a comida é mais substancial.”

Renato Lima de Souza





As mulheres que dominam a cozinha do alojamento da fazenda vieram justamente para isso. Os fazendeiros tentam amenizar a mudança de clima, amigos, convívio, trabalho e casa permitindo a conservação de algumas tradições culturais dos migrantes, como a alimentação. Cada família ou peão pode preparar a própria comida ou optar pela alimentação da fazenda feita por migrantes de sua região.

A farinha diferente do norte, segundo as cozinheiras, mais saborosa e forte, o modo rústico de produzir os ingredientes naturalmente e ainda, a diferença de temperos usados causam um certo estranhamento para os migrantes. Uns adaptam-se a nova realidade, outros se vêem diante de uma nova cultura que não os agrada. A diferença é muito notável, tanto pra quem migra sazonalmente quanto pra quem resolveu morar em Cabo Verde e, há tanto tempo lá, não mais se lembra dos seus costumes de origem.

Carmelita Dias dos Santos, migra todos os anos com seu marido e seus oito filhos de Santo Antônio do Jacinto (norte mineiro) para a lavoura sul mineira, e já percebeu essas diferenças. Segundo ela, a área da saúde na região norte não é muito efetiva, assim, seus oito filhos nasceram em condições precárias. No quesito alimentação o efeito da diferença é diminuído quando ela faz questão de trazer seus temperos, coentro verde, colorau, farinha e demais ingredientes para Cabo Verde, o que a faz orgulhar-se dos elogios que recebe pelo aroma e sabor de sua comida.



HINO DA CIDADE DE CABO VERDE

*“Cabo Verde és um tesouro
Terra esplêndida de sol.
A beleza tens do ouro
No fulgor deste arrebol.
Nestes campos, nestas terras
Onde a vida se refaz
Vêm os filhos de outras terras
Encontrar abrigo e paz.
Rica, hospitaleira e sã
És, ó terra do Assunção
Mui querida Cabo Verde
Terra do meu coração”*

*Maria do Carmo Ornelas Mendes
Dona Bilula*





COSTUMES

"Ah, depois de muito tempo não sou muito chegado nesse nome não. Uma mulher já quis até me bate por causa do nome. Vou conta proeis a história de uma mulhé..."

Quando começou esse problema de pele em mim, eu era todo pintado e me botaram o apelido de colorido. (Deudeu tem vitiligo). E era Colorido pra aqui, pra la... E eu dizia: sem colorir eu sou bonito, colorido então...

Aí teve um cara que casou com uma muié tão ciumenta que ele não saía na rua se ela não sáisse grudada na etiqueta da calça dele. Ele trabalhava no banco, era gerente do banco, daí quando eu tinha conta no banco eu dava o dinheiro pro irmão dele, ele depositava, eu assinava e ele não dava recibo pra mim.

Quando a muié dele viu o recibo achou que a letra e o nome Irani era de muié. Ela falou:

"eu quero ir lá quebrá a cara dela". Aí o cara falou: "num vai não, o cara lá é pintado, feio pra daná e eu vo passar vergonha".

Ela falou assim: "olha se essa letra aqui é de home ou de muié?"

Por que minha letra e bem traçada, o povo fala que é um carimbo. Minha letra eu faço ela é toda separadinha, sem grudá uma na outra."



Irani Gil Guimarães - Deudeu

Dedeu, como é conhecido Irani Gil Guimarães, percebeu a diferença cultural de uma cidade para outra na qual viveu também por causa de sua caligrafia perfeita e de seu nome. Segundo ele, o nome Irani, é um nome feminino em algumas regiões.

Mas Deudeu ainda trouxe de sua cidade, Santo Antônio do Jacinto, os costumes referentes à religiosidade e principalmente suas simpatias. Segundo ele, no começo ano já é possível prever quais os períodos do ano em que ocorrerão as chuvas. E nesse ano ele obteve cem por cento de acerto, prevendo chuva inclusive em meses considerados como secos.

Maria do Amparo Leite também é uma migrante que decidiu estabelecer-se na cidade. Ela é o retrato de alguém que sentiu a diferença cultural entre as cidades mas optou por se fixar em Cabo Verde.

“Quando a gente muda e se adapta bem no lugar é porque a gente mudou pra melhor, né? Se não tivesse mudado pra melhor a gente não estaria aqui até hoje, né? Só mesmo... tá fazendo 22 anos.”

Ela trouxe para cidade seus costumes norte mineiros e até hoje faz seu próprio sabão de cinza. Este é usado para manter o brilho e o aspecto de espelho de cada uma das panelas e objetos de cozinha. E ainda trouxe consigo os ensinamentos de sua mãe, característicos de sua região, sobre como calhar paredes, fazer seu próprio sabão e tornar seu lar um ambiente impecável e muito bem cuidado.



“Não tinha soda, aí a gente usa cinza de fogão de lenha. Coloca ela numa lata com água, fura a lata e ela vai pingando. E aquilo chamava dicoada, um nome que parece indígena. O líquido que sai da cinza, a gente coloca na panela e coloca a gordura, resto de couro de porco, gordura velha, torresmo e cozinha até virar o sabão.”

E como era sua casa?

A gente não tinha muito conforto, né? A gente construía a casa no chão de terra e não era cimentado. Passava bosta da vaca porque ela cola no chão e fica lisinha. Quando secava você varria com essas vassouras de mato. Não Cheirava. Era um cheiro de limpeza. Você precisa vê que beleza...

Então eu aprendi a fazer tudo isso e dar valor nas coisas. Porque se você não sofre, você não dá valor. Muita gente no mundo devia aprender isso e o que eu sei eu ensinei pras minhas filhas.”

Maria do Amparo Leite





A LAVOURA E A CIDADE

As fazendas que trazem migrantes para a época da “panha” optam por trazer apenas peões sozinhos ou famílias. Em meio as lavouras é comum portanto, encontrarmos casais “panhando” café.

A colheita a quatro mãos se assemelha ao tocar de um piano, onde as mãos em conjunto e em uma sincronia impecável dão vida a sinfonia colorida em vermelho, verde e amarelo do café nos panos estendidos no chão de terra.

As duplas que garantem rendimento e eficiência no trabalho em conjunto, também mostram que, até mesmo em uma lavoura de café, é possível namorar, amar, rir, diminuir a saudade e transformar o ambiente de trabalho em um espaço de sociabilidade das famílias.



“Eu trago famílias. Ali tem pai, tem mãe, tem os filhos, então tem família. E são todas pessoas novas, de vinte a vinte e cinco anos, muito novas. Sentem saudade mesmo. Saudade porque ficam três meses longe de casa. É tempo...”

Adriano Muniz



“A parte social do café é muito forte. Descobri, por exemplo, que os migrantes não podem ficar aqui muito tempo. O coração deles vai ficando pequeno para o tamanho da saudade que sentem da família e de sua terra.”

Renato Lima de Souza





Há quem acredite, porém, que o peão quando está sozinho na cidade tem menores preocupações e, portanto, rende mais. Por isso, as fazendas fazem uma pré-seleção e se baseiam em indicações para garantir pessoas de confiança. Ou procuram manter uma turma anual relativamente fixa. A Polícia Militar da cidade está diretamente relacionada com esse processo de seleção para evitar que pessoas procuradas pela justiça migrem para a cidade. Assim, segundo o Sargento Antônio de Fátima Pires da Silva, para garantir a segurança da cidade, foi elaborada uma planilha de monitoramento, que é cedida aos fazendeiros, e criado o Patrulhamento Rural.







“Com o Patrulhamento Rural conseguimos diminuir os índices de criminalidade não só contra pessoas, mas também contra o patrimônio e os índices em geral da zona rural e, conseqüentemente, do município. A maioria dessas ocorrências envolvia migrantes, hoje não mais, exatamente por conta do patrulhamento rural que desenvolvemos e estamos aplicando.”

Então hoje, após a criação do Patrulhamento Rural, não podemos mais afirmar que o migrante é responsável pelo aumento do índice de criminalidade da cidade. É uma parceria. É um projeto da Polícia Militar. Mas não só dela. Envolve a boa vontade da comunidade em estar atenta aos problemas, passando informações sobre sua própria segurança. Estas instruções sobre medidas de segurança são levadas à comunidade através de palestras que fazemos.”

Sgto. Antônio de Fátima Pires da Silva

Toda essa preparação e cuidados são para garantir que a cidade fique mais segura, e também, para que os migrantes sejam bem recebidos. A certificação do café também contribui para a especialização da estrutura cafeeira quando faz certas exigências. Assim, as fazendas garantem sua estrutura ao possuir acessórios de proteção, alojamentos para moradia, alimentação adequada, dentre outras coisas. E isso também acontece com a cidade.

Cabo Verde tem sua economia voltada para o café e assim, com a chegada dos migrantes, se adapta para receber um maior contingente de moradores. Segundo o prefeito Cláudio Augusto Siqueira, a cidade tem estrutura para receber todos migrantes, porém, eles implicam em um terço de aumento nas contas da prefeitura.

“Cabo Verde hoje é um celeiro dessa mão-de-obra sazonal. Mas até hoje está dando certo. A nossa mão de obra hoje não é suficiente pra fazer a nossa colheita de café. Então os fazendeiros não tem outra saída senão buscar uma alternativa que vem de fora.

O migrante pra cidade é uma pessoa que vem trabalhar, ganhar o seu dinheiro, gastar o mínimo aqui em Cabo Verde e levar o restante pra sobreviver o resto do ano lá na sua terra. Até voltar o ciclo de novo. Ele vem cá, trabalha quatro meses, junta os quatro meses, e esse dinheiro ele tem que guardar, usar bem, porque no lugar que ele mora ele não tem dinheiro pra chegar os outros oito meses não.

Hoje no trato com o trabalhador rural somos uma das cidades mais adiantadas da região. Os migrantes que vem aqui hoje já tem os galpões, tem os alojamentos que é o lugar onde eles ficam, tem cozinha, tudo certinho, tudo inspecionado pela vigilância sanitária.”

Claudio Augusto Siqueira

Apesar da forte movimentação do comércio nesse período, a cidade sente o aumento da demanda para os setores de educação e saúde como uma grande dificuldade. Segundo o prefeito, como muitas crianças vem acompanhando suas famílias, o transporte escolar também torna-se um problema. Juntas, essas dificuldades ganham maior dimensão, principalmente por que esses critérios são levados em conta na certificação internacional para a exportação do café.



“Todas essas exigências como registro, alimentação, ginástica laboral, saúde e moradia são imprescindíveis para se conseguir o certificado internacional para exportação”

Jerônimo Giachetta

Uma das exigências da certificação é a prática física do alongamento que deve ser observada no cotidiano dos trabalhadores. Esse processo é feito para garantir maior segurança no trabalho e evitar contusões. Mas também é um momento onde todos funcionários se reúnem e interagem antes da colheita.



90 DIAS DE LUTA

*90 dias se passaram
No coração não cabe a saudade
De força só resta a esperança*

*Passaram-se 90 dias de luta
Valeu a pena?
90 dias de fé
Fé no que ainda podemos viver*

*Vida pré colhieta
Vida pós colheita*

*Após 90 dias nota-se a diferença
Não só no bolso
Mas na esperança que permanece imutável*

*Passaram-se 90 dias de luta
E ainda me pergunto se valeram a pena
Descobrimo na voz da migrante que SIM
Resposta simples e forte
De quem lutou por 90 dias e faria tudo de novo.*



T. C. Duarte

SUPERAÇÃO E ADAPTAÇÃO





Cada vez mais a presença da beleza e delicadeza feminina invade as lavouras de café. O trabalho não assusta nem mesmo as mães de famílias que, atrás de um futuro melhor para sua família, batalham diariamente em meio ao cafezal.

Seus filhos e filhas, no entanto, sofrem com a mudança de ambiente, com o frio, a saudade dos amigos, dentre outras coisas. Assim, algumas medidas como a continuação dos estudos são exigidas para diminuir esse impacto.

Rosilaine Aparecida do Santos, professora do colégio Pedro Saturnino de Magalhães diz que a escola já dimensiona suas salas de aula esperando o período de migração e seus novos alunos.

Geralmente entre 11 e 15 anos, esses meninos e meninas continuam a educação iniciada em suas regiões e assim, garantem uma declaração que é entregue aos fazendeiros. Essa declaração confirma que as crianças e jovens estão na escola.

RELIGIOSIDADE

Manter a religiosidade de cada um também é um dos quesitos para adaptação do migrante. Assim, igrejas de diferentes religiões localizam-se próximas aos alojamentos ou muitas vezes, padres e pastores deslocam-se até as zonas rurais para a celebração dos cultos. Os rituais religiosos funcionam, dessa forma, não somente como um vínculo de ligação com o sagrado, mas também como um laço cultural que estabelece uma continuidade com o passado, com a memória e com o lugar de origem.



Adriano Muniz, fazendeiro da cidade, conta que todo ano vem para a cidade um padre do Rio Grande do Sul.

O padre visita toda a região, passando pelas fazendas da cidade e nas outras cidades onde também se encontrem migrantes.

Manter o contato com a religião de origem de cada um é uma das formas de garantir que o impacto da mudança de cidade e de ambiente cultural não seja tão forte.

RE
MIGRAÇÃO

LAZER E CONSCIENTIZAÇÃO



O lazer também é um aspecto importante no processo de adaptação. Shows, pequenas festas da cidade, feiras de artesanato, comidas típicas e bares da cidade funcionam como ponto de encontro entre migrantes e nativos, criando oportunidades de sociabilidade, de conhecimento e de trocas recíprocas.

A cidade procura desenvolver atividades que promovam o encontro da cultura da população local com a dos migrantes. Assim, palestras ministradas com caráter educacional também possibilitam certa troca de conhecimentos.

No ano de 2009 foi realizada, dentre outras, uma palestra sobre a Lei Maria da Penha, que procurava conscientizar nativos e migrantes sobre casos de agressão feminina. Segundo a enfermeira-chefe do posto de saúde, Denilce Ferreira Rondinelli, durante todo o ano profissionais se mantêm ativos nessa conscientização, inclusive na área da saúde pública.

“Tem a campanha de Abril, de Junho e de Agosto. Abril é pra gripe dos idosos que são os que pegam mais, e junho e agosto das crianças, que é paralisia infantil, a polio. A gente faz a campanha na cidade inteira.”

Denilce Ferreira Rondinelli

Segundo um dos médicos da cidade, Dr. Douglas Bueno da Silva, uma das iniciativas é a educação sobre doenças sexualmente transmissíveis e também sobre a importância da utilização do material de segurança na colheita. Assim, é garantida uma diminuição de cerca de 80 por cento dos casos de traumatismo ocular através do uso de óculos de proteção.

“Todo ano mandamos uma cartinha para os fazendeiros. Isso faz parte do procedimento obrigatório. Há um tempo os panhadores usavam uma tela de aço pra colher o café e quando levavam a mão para pegar o fruto, acidentalmente levavam uma “estocada” no olho. Com o uso dos óculos isso melhorou bastante.

Outra coisa importante foi o início do uso da luva que diminuiu muito os acidentes com aranhas. Nós tínhamos uma média de um a dois acidentes com aranha por dia. Esse ano tivemos dois a três por semana. Então, com a utilização da luva, a aranha não consegue chegar até a mão do panhador que terá tempo de matá-la ou jogá-la longe.”

Douglas Bueno da Silva





O FIM E O RECOMEÇO

Com todas essas ações, em meio a um cenário repleto de montanhas e belezas naturais, fecha-se o período de trabalho dos migrantes. A primavera anuncia a data do retorno para casa e os caminhos começam a ser delineados por quem anseia rever sua terra.

Essa é uma experiência singular na vida de cada um dos personagens dessa história e mudará sua narrativa a partir da interação de cada elemento desse hibridismo cultural. É nesse ambiente que todas as culturas interagem criando uma nova forma de identidade e onde o café deixa de ser sinônimo de trabalho e torna-se um símbolo do relacionamento e da sociabilidade do ser humano.

Assim, deixa-se várias coisas pra trás, mas conquista-se novos amigos, novos relacionamentos, novos amores, assim como novos hábitos alimentares, novos costumes, novas idéias e práticas.

Este trabalho mostra, portanto, que a migração sazonal predispõe o migrante a um processo de interculturalidade, entendida aqui como a convivência necessária e premente tanto para aqueles que se deslocam, como para aqueles que recebem populações culturalmente diferentes.

Mas o trabalho aponta, também, que no processo todos se modificam, alongando seus conhecimentos e alterando suas concepções sobre as diferenças.

As diferenças existem e nenhum entrevistado fez questão de negá-las; no entanto, particularmente para os migrantes, aprender a conviver com elas talvez seja um pré-requisito para a sobrevivência, tanto quanto o próprio trabalho sazonal na “panha” do café.

E assim, os pés estabelecem os homens na terra, o caminhar os guia até a lavoura, suas mãos são a força motriz de seu trabalho e a união delas a interação e o respeito quanto aos outros homens. E tudo isso, em uma troca constante de sensações, força, energia, conhecimentos, cultura e fé.



CAMINHOS GERAIS

*Meu destino é viver
E esse é o caminho
Pois a distância não é complicada
E conhecê-la é fácil*

*O avesso é a medida do direito
O choro a medida da saudade
A resposta é do tamanho da pergunta
E o descanso do tamanho do esforço*

*O acaso vai me ensinar
Que mesmo olhos cerrados
Enxergam o caminho
Que caminho a pé*

*Entre fileiras
Subindo montanhas
Seguindo em direção
Do que pode mudar minha vida*

*Pois a coragem reflete a vitória
O cheiro a sensibilidade
O olhar reflete a dádiva
E a força o caráter*

*Troco os pés pelas mãos
A suavidade pelo calor
A física pela experiência
O abraço pelo adeus*

*Assim, simplesmente amo
Simplesmente trabalho
Simplesmente respiro
Simplesmente me perco*

*E me perco nesse caminho
Onde além disso tudo
Simplesmente vivo.*

T. C. Duarte







**O frio não é suficiente pra assustar
quem veio de longe**

**Os caminhos são percorridos na
primavera**

**Até o verão: sinônimo de lar.
Quando se respira, se vive, se ama**

**Até um novo inverno
Onde a fé é transformada em força**

E o café em ESPERANÇA.

APOIO



JORNALISMO UFV